



TERRENO no Casqueiro
amedronta moradores

4

6

CATRAIA é rápida,
mas insegura

CRUZAMENTOS

perigosos em Praia Grande

4

8

RAÍZES, uma
ameaça no chão

NOVO TEMPO:
bancas "sem" jornais

10

12

ACESSIBILIDADE em
Santos divide opiniões

Fotos: Allan Bueno



Bandeira vermelha localizada na praia do Canal 2



Para Alessandra Casorla, quando ta vermelha já é difícil quando ta verde no vermelho é praticamente impossível

PRAIAS DE SANTOS IMPRÓPRIAS PARA BANHO

Alguns moradores não sabiam sobre as bandeiras

ALLAN BUENO

As praias de Santos passaram mais da metade de 2022 com bandeiras vermelhas mostrando que estava imprópria para banho, por isso a prefeitura da cidade tem intensificado o trabalho de fiscalização nos canais que afetam diretamente a balneabilidade das praias. Nas praias, a Bandeira Vermelha é sinal de que a do mar pode oferecer risco à saúde dos banhistas. A característica da cidade de Santos que impacta nas praias são os canais obras do engenheiro Saturnino de Brito que desde 1907 desempenham uma importante função sanitária os canais são fundamentais para o escoamento da água da chuva da cidade e influenciam diretamente na balneabilidade das praias.

“Ultimamente tá ficando vermelha hoje, por exemplo, vermelha ontem vermelha sempre imprópria sempre imprópria, quando ta vermelha já é difícil quando ta verde no vermelho é praticamente impossível eu não entro de jeito nenhum. Tem hora que você vê que tá mais sujo até então não

sei até que ponto é isso aí muito lixo isso me entristece é muito muita latinha de cerveja pote de sorvete Infelizmente o ser humano não tem essa consciência do meio ambiente para identificar problemas irregularidades”. Comentou Alessandra Casorla chefe do RH e moradora de Santos.

A Companhia Ambiental do Estado de São Paulo a CETESB é o órgão responsável pelo monitoramento da balneabilidade das praias em todo o litoral de São Paulo São 177 pontos já amostragem em 157 praias 72 deles só na Baixada Santista a bandeira vermelha ela simboliza que a praia está imprópria para banho e a bandeira verde que a praia está própria. “Quando uma praia tem imprópria para banho ela gera um risco de infecção no banhista, esse risco aumenta se houver ingestão acidental da água durante o banho o risco mais comum é a gastroenterite mas outras patologias podem acometer o banhista como conjuntivite otite dermatite entre outras.” Enfatizou a bióloga do CETESB Karla Pinto.

A Secretaria de Meio Ambiente intensificam o trabalho de fiscalização e contro-

le nos canais através do programa detecta a água do canal, após ser coletada para análise duas vezes por semana. O canal faz parte de um sistema de drenagem para Águas de chuva e não pode haver contaminação de esgoto, toda a água do canal acaba desaguando na praia a gente faz coletas em vários pontos dos canais em todos os canais. Para verificar se a contaminação de esgoto havendo contaminação de esgoto, nós buscamos a identificação nas redes coletoras próximas identificar qual imóvel que tá contribuindo com a contaminação quanto melhor for a água dos canais de melhor qualidade também vai contribuir para balneabilidade das praias. Comentou o secretário de meio ambiente de Santos Marcos Libório

A recomendação geral da Companhia Ambiental do Estado de São Paulo a CETESB é evitar praias classificadas como impróprias. A praia esteja classificada como própria recomendação Importante é não tomar banho de mar nas primeiras 24 horas após as chuvas aumentam a vazão dos cursos da água elas fazem a lavagem da areia e elas podem prejudicar a qualidade das praias não se banharem canais córregos e rios afluentes ao mar porque eles podem ter aporte de esgoto e de preferência não engolir água do mar tem que redobrar a atenção. 

Baixa circulação de linha municipal gera problemas para trabalhadores

AMANDA FREIXO

Fotos: Amanda Freixo

Os ônibus 04, demoram de 30 a 40 minutos para passar novamente no mesmo ponto. Enquanto linhas como a dos 139 passam a cada 10 minutos. Essa diferença pode ser conferida no aplicativo da prefeitura em parceria com a companhia Piracicabana “Quanto tempo falta”. O sistema fornece informações de todas as linhas que circulam pela Baixada Santista, incluindo os horários de saída, os trajetos e a localização instantânea dos veículos.

Em horários de pico muitos pontos de ônibus costumam ficar cheios de pessoas indo trabalhar ou voltando para casa. A parada localizada na José Bonifácio número 37 por exemplo fica cheia de pessoas esperando ônibus, que às vezes demoram mais de uma hora para chegar. Não é incomum ouvir reclamações de demora ao passar por ali entre 12h e 13h, e 18h a 21h.

É importante ressaltar que a Praça José Bonifácio a noite é bastante escuro, não há muita



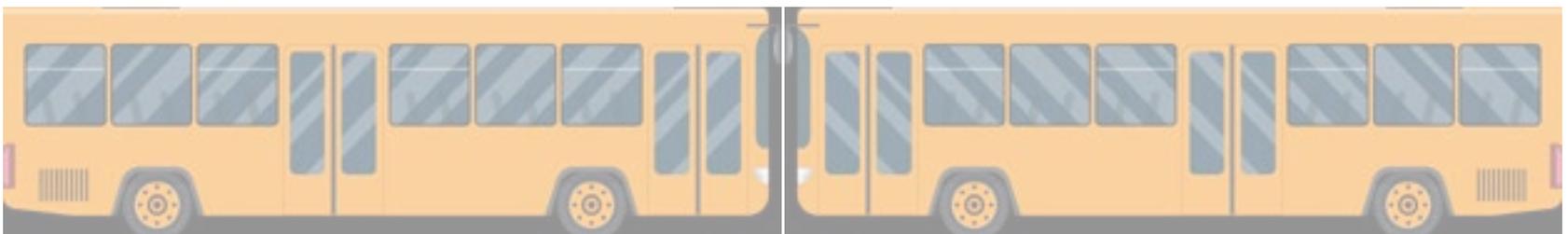
Demora dos ônibus causa superlotação das paradas



movimentação além da grande população de rua que está instalada por ali.

Ana Luísa Cardoso Maciel, uma mulher de 28 anos, trabalha em uma farmácia de manipulação localizada no Centro de Santos e afirma utilizar o transporte público todos os dias para transitar do trabalho à sua casa em Guarujá. A própria farmacêutica relata já ter passado longos períodos esperando a linha que precisa utilizar. “Sempre pego os 04 porque me deixam no Ferry Boat. Nos dias em que não consigo chegar a tempo no ponto tenho que esperar meia hora pelo próximo, o que atrasa toda a minha rotina”.

Além do tempo de espera, ela reclama da grande demanda do ônibus, que percorre uma das principais Avenidas da cidade, a Conselheiro Nébias. “Chega em um ponto da Conselheiro que todos ficam espremidos no ônibus. Idosos não têm mais onde sentar, quase não dá para se mexer e continuam entrando passageiros. Uma linha que tantas pessoas precisam utilizar deveria ter mais circulação”. 



CIDADES

TERRENO NO JARDIM CASQUEIRO GERA MEDO EM MORADORES

Fotos: Andressa Évora



Terreno abandonado com descarte irregular de lixo e mato alto está gerando preocupação

ANDRESSA ÉVORA

Dois terrenos situados na Avenida Brasil, no Jardim Casqueiro, em Cubatão, estão abandonados pelos proprietários e causando transtornos para a vizinhança. Apesar dos constantes pedidos dos moradores para que a prefeitura tome medidas, nada foi feito até o momento para solucionar o problema. Os terrenos estão localizados ao lado de um ponto de ônibus, o que tem gerado reclamações sobre a sujeira e o mau cheiro para quem precisa esperar o transporte público.

Josefa dos Santos Aparecida relatou que seu neto já precisou ser hospitalizado por conta de uma colmeia de abelhas que se instalou em um dos terrenos abandonados. “Essa colmeia ficou neste terreno por anos, eu ligava, a outra vizinha ligava pedindo para retirarem, e demoraram muito, até que meu neto foi picado e parou no hospital porque ele é alérgico, e seu corpo inchou todo. É muita irresponsabilidade”, explica.

A vizinha da casa do lado também reclama do ocorrido, Luciana Dias Barbosa explica que por ele estar abandonado,

muitos animais e insetos se acumulam por lá. “Todo verão é um terror pra gente, porque é tanto mosquito, tanta barata, que não conseguimos ficar de janelas abertas. Teve um natal que passamos matando mosquito e tentando tirar abelhas e marimbondos de cima da ceia, foi horri-

vel”. Ainda segundo a moradora, sempre que entra em contato com a prefeitura, gera um protocolo, e que o dono seria notificado, mas nada é resolvido.

Além do risco de acidentes com animais peçonhentos, os terrenos abandonados também têm sido um problema para os usuários do ponto de ônibus. Muitos reclamam do mau cheiro e da sujeira que se acumulam nos terrenos, além do fato de que eles têm sido usados por pessoas para práticas ilícitas.

A moradora do bairro Bolsão 9, de Cubatão, conta que precisa pegar todos os dias o transporte público na cidade, e o ponto mais próximo do seu trabalho, é ao lado do terreno. “Frequentemente sinto um forte cheiro vindo dos terrenos abandonados, muitas pessoas entram nos locais para fazer coisas erradas. Olha, diversas vezes me senti insegura ao esperar o ônibus, porque vi muitas pessoas entrando no meio dos matos.”

Os moradores do bairro pedem que as autoridades locais tomem providências urgentes para resolver a situação dos terrenos abandonados. Eles alegam que o problema afeta não só a saúde e a segurança da comunidade, mas também a qualidade de vida dos moradores da região. 

Moradores reclamam de falta de sinalização em esquina no Guarujá

O cruzamento já foi cenário de diversos acidentes, incluindo óbitos, e segue sem solução

Fotos: Beatriz Bonatelli



BEATRYZ BONATELLI

A esquina das ruas Valéria Ciccone e Rafael Gonzáles, no Guarujá, são palco de diversos acidentes. Moradores afirmam que o cruzamento nunca teve sinalização ou dispositivos redutores de velocidade, como semáforo e quebra-molas, resultando em graves batidas de veículos e óbitos.

De acordo com populares, o cruzamento também é saída de duas grandes avenidas da cidade além de acesso a outra, o que aumenta o fluxo e a ocorrência de acidentes, visto que muitos carros não reduzem a velocidade ao entrar nas ruas. O bairro, Jardim Helena Maria, é residencial e abriga diversas famílias com crianças e idosos que costumam ter mais dificuldade de travessia e atenção, os deixando mais suscetíveis aos acidentes.

Aposentada, Carmen Souza, de 63 anos, afirma que mora no bairro há mais

de 20 anos e que em todo esse tempo a esquina nunca teve qualquer meio que garantisse a ordem da via e a segurança dos moradores. “Já vi muitos óbitos aqui, incluindo uma senhora que estava de bicicleta e foi arremessada para longe”.

O problema, conhecido pelos moradores e frequentemente discutido, já foi sinalizado à prefeitura. “Já tivemos vereadores que prometeram tomar medidas, mas nunca fizeram. Só esse ano, já vi mais de cinco acidentes na porta de casa”, conta Carmen, que abriga a casa da esquina em questão.

Recentemente a Prefeitura quebrou e rebaixou um lado da via, que é mão dupla. No entanto, os residentes não têm informações do motivo da medida e o asfalto está há mais de duas semanas dessa forma, sem o retorno dos profissionais. O rebaixamento deixa a via ainda mais peri-



Há pelo menos 20 anos o cruzamento não tem sinalização. No detalhe, Carmen Souza, moradora da Rua Valéria Ciccone

gosa e propícia para acidentes, já que não é facilmente visto pelos motoristas que atravessam a Rua Valéria Ciccone e passam em alta velocidade, correndo o risco de perderem o controle na queda e atingirem pedestres e animais de rua.

Por ser uma via coletora, isto é uma via que tem a função de coletar e redistribuir o trânsito da cidade, de acordo com o Código de Trânsito Brasileiro, o limite de velocidade é de 40km/h, mas não é respeitado. De acordo com os moradores, a solução para o problema seria um conjunto de quebra-molas nas saídas e entradas do cruzamento, forçando que os motoristas reduzam a velocidade e permaneçam com ela baixa até sua saída. 

CATRAIA OFERECE RAPIDEZ, MAS FALTA SEGURANÇA

Usuários relatam os problemas e riscos da travessia por barco

Fotos: Jaqueline Nunes



JAQUELINE NUNES

Utilizada por cerca de oito mil pessoas, de acordo com levantamento da Prefeitura de Santos realizado em 2022, a catraia é mais uma opção de transporte marítimo aos moradores de Vicente de Carvalho para chegar em Santos. Com capacidade para 17 passageiros por viagem, a travessia por barco, que custa R\$ 2,50, é rápida mas possui alguns problemas.

O tempo da travessia do barco saindo do terminal no Guarujá até o Mercado Municipal é de em média seis a sete minutos. “Entre a barca e a catraia, a segunda opção ganha no tempo, até porque, pra mim, é mais perto do meu serviço”, comenta o inspetor de qualidade Nicolas Matheus Simionato, 25. “Mesmo chovendo, apesar de não ter cobertura, utilizo o transporte porque facilita a minha vida”, conta a jornalista Nathalia Nascimento Souza, 32.

Para o assistente de transporte, Leonardo Rodrigues Amorim, 24, que faz uso do barco frequentemente na madrugada para trabalhar, apesar da agilidade, o valor da passagem não é compensador. “Nos dias de maré alta, quando o barco não consegue passar pelo canal, a gente



é obrigado a passar por dentro do cais, fazendo o restante do caminho a pé, suportando o cheiro forte de soja e adubo, e tendo que pagar o mesmo valor”, explica.

TRAVESSIA PERIGOSA

Próxima ao porto de Santos, a área de passagem do barco é dividida com pequenas e grandes embarcações que geram turbulências durante o trajeto, oferecendo risco de acidentes. Os usuários não utilizam colete salva-vidas, o que para Nathalia, Nicolas, Leonardo e muitos que fazem uso do transporte, deveria ser item obrigatório.

“Até tem coletes guardados, mas se o

O transporte é uma alternativa de travessia para Santos, com desembarque no Mercado Municipal

barco vira, nem vai dar tempo de pegar”, conta Amorim. Simionato relembra algumas vezes em que passou por situações perigosas em alto mar. “Uma vez um rebocador de navios passou rápido deixando o mar muito agitado e a catraia quase virou, e, outra vez, o motor da catraia parou no meio do mar”, explica.

Outro problema enfrentado por quem utiliza a catraia é a atração e movimentação de navios, que paralisa a travessia e os barcos que estão em Vicente de Carvalho aguardam em alto mar, geralmente próximos aos rebocadores. Além do aumento no tempo de espera, neste caso, o perigo também é maior.

Para Nathalia, a falta de uma boa infraestrutura nas estações de embarque e desembarque, tanto do lado de Santos, como de Vicente de Carvalho, também é uma desvantagem ao transporte. “Não tem cobertura, o que na chuva dificulta muito. Pelo preço ser mais caro que o da barca, que tem uma estrutura melhor, acho que deveriam investir mais”, afirma 

São Vicente:

OBRA CAUSA PROBLEMAS PARA OS MORADORES

FÁBIO ROCHA

Obras são feitas para melhorar a cidade e a vida das pessoas, porém, está ocorrendo uma na na Rua Alves do Bugre, localizada no Parque São Vicente, tem gerado desconforto e transtornos para os moradores e frequentadores da região. A situação se agrava devido à paralisação da obra por três semanas, seguida de uma retomada que ainda não resolveu completamente os problemas enfrentados pelos residentes.

A obra, que envolveu a retirada de alguns paralelepípedos da rua, vem causando dores de cabeça para os moradores. A interrupção dos trabalhos por um período prolongado apenas exacerbou a insatisfação da comunidade. Recentemente, a obra foi retomada, mas os inconvenientes persistem, afetando a mobilidade e a rotina dos residentes.

Laercio Ezequiel, um dos moradores da Rua Alves do Bugre, expressou sua frustração com a situação. Ele afirma que tem encontrado dificuldades para sair de sua garagem devido à presença de entulhos e materiais de construção no local. “É um verdadeiro transtorno. Tenho tido problemas para acessar minha garagem e para transitar pela rua com meu carro”, lamentou Ezequiel.

Além disso, Laercio Ezequiel mencionou que a obra também está afetando seu veículo, que vem apresentando problemas decorrentes das condições da via durante as obras. Essa situação tem gerado despesas extras com manutenção e preocupação com a integridade do automóvel.

Os moradores, insatisfeitos com a falta de solução para o problema, relatam que já entraram em contato com a Prefeitura de São Vicente, buscando uma resolução para os transtornos en-



Fotos: Fábio Rocha

Moradores da Rua Alves do Bugre reclamam da demora na finalização da obra. O atraso está gerando diversos problemas para as pessoas que passam e moram nas redondezas

frentados. No entanto, até o momento, não obtiveram uma resposta satisfatória e os problemas persistem.

Diante dessa situação, os moradores da Rua Alves do Bugre esperam que a Prefeitura de São Vicente adote medidas efetivas para solucionar os problemas causados pela obra em andamento. A comunidade anseia por

uma ação rápida e eficiente, a fim de restabelecer a tranquilidade e a normalidade na região.

A reportagem entrou em contato com a Prefeitura de São Vicente, mas até o fechamento desta edição, não obteve resposta sobre o assunto. Continuaremos acompanhando o desdobramento dessa situação. 

Fotos: Bianca Brodowsky



Problemas na infraestrutura atrapalha a locomoção de pessoas e veículos

RAÍZES EM SEUS PÉS

BIANCA BRODOWSKY

A infraestrutura das ruas de Santos é um problema crônico para a população do município. Dentro do ecossistema que garante que o tráfego continue e funcione de uma forma harmoniosa e correta, as calçadas possuem vital importância. Entretanto, não é sempre que as condições delas garantem o bem-estar dos pedestres.

Esse é o caso da calçada em frente ao Edifício Ouro Fino, localizado na rua Alexandre Herculano, número 32, no bairro do Boqueirão, próximo a uma das entradas da Avenida Conselheiro Nébias. Entre o chão da calçada e o meio-fio, pode-se observar um grande erro em relação a distância desses pontos, essa que nem sequer deveria existir.

Como em muitas ruas da cidade de Santos, árvores em frente aos prédios fazem parte da paisagem da rua. Apesar de melhorar o aspecto do lugar como um todo e trazer a cor verde para a vida de quem passa pela rua, a natureza costuma querer seu espaço de volta.

Para a do lar Maria Aparecida Nunes Araújo, mais conhecida como Cida, de 58 anos, moradora do condomínio, esse problema afeta a



Raízes de árvore causam obstáculos na calçada

Para Maria Aparecida, o problema coloca em risco as pessoas que passam pelo local

todos que passam por ali e teve início já há um tempo. “Essa elevação já está aí há 1 ano e meio, e aconteceu por conta das raízes da árvore que tem aqui na frente do prédio que cresceram demais.”

O desnível, além de atrapalhar

a subida ou descida dos carros para a garagem, já tendo furado dois pneus e quebrado um escapamento de veículos de moradores, também dificulta a travessia dos pedestres que passam ali na frente, principalmente os mais idosos. “O problema maior não é só no meio fio, mas também na calçada que quebrou e uma parte se elevou. Muitas pessoas tropeçam ao passar por aqui, se alguém se machucar mais sério com isso, pode até chegar a multar o prédio.”, explica Cida.

O condomínio possui apenas 12 apartamentos em seus dois blocos. Com muitos idosos como moradores, incluindo uma senhora de 98 anos que tem problema na bacia por queda, a preocupação com a situação só aumenta. “Todo mundo aqui tem bastante medo de acontecer algum acidente ou tragédia. Já caíram pessoas aqui, mas ainda bem

que nada tão sério.” Cida relata que outros moradores também já presenciaram pessoas tropeçando e caindo no local. “Nosso receio é uma pessoa de idade ou criança tropeçar e cair por causa da nossa calçada, e acabar se machucando gravemente.”

Segundo a moradora, a síndica do prédio já entrou em contato diversas vezes com a Prefeitura de Santos para relatar o problema, mas para eles não há nada sério ou perigoso para ser resolvido. “Agora estamos fazendo orçamentos para nós moradores pagarmos para consertar. Isso acrescentará no valor do condomínio de cada apartamento. Claro, ficamos mais tranquilos em saber que será resolvido, mas no final parece que o erro é nosso e iremos pagar por ele.”, conclui. 🗨️



Fotos: Igor de Paiva



*Estabelecimento
atende cachorros
de todas raças e
tamanhos*



*Para Flávia
Nascimento, 33,
receptionista do
Clube AuAu, a
mudança de lugar
ajudou o comércio*

e ao centro da cidade. Isso ajuda muito.”

Com o pensamento de quem não é visto não é lembrado, a fachada conta com uma paleta de cores chamativa e iluminação

nas letras durante a noite.

Flávia também evidenciou que o valor do aluguel atrapalhou a adaptação do negócio em sua nova casa. Dentro dos valores, existe uma diferença considerável entre o lugar antigo e o novo.

“Foi um pouco complicado achar um ponto bom para a nossa creche e em um valor justo. Para essa opção do clube funcionar, precisamos ter um estacionamento, e isso aumenta o preço do ambiente.”

Ainda segundo ela, a logística do trânsito santista e suas obras também tiveram um peso nos desafios vividos. Com o fechamento de ruas e apenas um retorno para a altura da avenida que se encontra o ‘Clube AuAu’, a equipe precisou lidar com as reclamações de clientes.

Funcionando das 8h da manhã até as 19 horas da noite, o ticket médio do negócio é de R\$234,00. Ao todo, são atendidos 43 cães mensalmente, de inúmeras raças e gêneros possíveis. “Acredito que o Golden Retriever é a raça de cão que mais aparece por aqui. Os donos gostam de comprar roupinhas, brinquedos, além de aproveitar todos os nossos serviços. Acreditamos em uma experiência completa e confortável para todos.” 

MUNDO ANIMAL

DIÁRIA CANINA

IGOR DE PAIVA

A evolução dos serviços para o ‘melhor amigo do homem’ é nítida dentro da cidade de Santos. Atrelado aos dias corridos, onde os tutores trabalham ou estudam fora de casa, existe uma necessidade real de se preencher as vinte e quatro horas do dia dos cães.

Dentro desse cenário, o Clube AuAu, localizado na avenida Conselheiros Nébias, número 516, oferece uma verdadeira rotina. Além de serviços básicos, como a venda de produtos e tosa, o estabelecimento oferece outros pontos consideráveis diferenciados.

A recepcionista da empresa, Flávia Nascimento, de 33 anos, comenta que o carro-chefe do lugar é o sistema de hotel. “A gente oferece para os donos o nosso hotel para cães. Nesse caso, a pessoa deixa seu animal com a gente para passar a noite. Nossa equipe garante conforto, alimento,

água, cuidados e tratamento higiênicos”.

Além disso, o “Clube AuAu” tem serviços de creche animal. Nesse modo, o cachorro convive com outros da sua turma diariamente. Havendo uma rotina organizada com horários fixos de alimentação, sono e atividade, os funcionários ainda preparam um boletim escolar para o pet. “Organizamos tudo que acontece na escola por animal. Desse modo, o tutor consegue acompanhar de perto a evolução social do seu melhor amigo, além de saber se ele apronta muito, dorme bem e se alimenta de forma adequada aqui.”, explica Flávia.

Do ponto de vista comercial, a recém mudança para uma das principais avenidas do município foi vista com bons olhos tanto pela gestão quanto pelos funcionários. “O lugar onde a gente estava era movimentado, mas é impossível compará-lo com a Conselheiro Nébias. Além daqui ter bastante fluxo de pessoas, existem outras lojas e comércios, e daqui também é acesso a praia

Daniel Rodrigues



CIDADES

NOVOS TEMPOS PARA AS BANCAS DE “JORNAL”

DANIEL RODRIGUES

As bancas hoje em dia não têm mais como carro-chefe a venda de jornais e revistas como antes do surgimento da internet. Atualmente elas vendem também utilitários, como guarda-chuvas, acessórios para celular e até mesmo o famoso jogo do “bicho”. No caso de Santos, já é possível notar que existem bancas que não vendem mais jornais, como por exemplo, uma que fica entre a Avenida Pedro Lessa e o Canal 5. O dono da Banca Monolito (que fica na Avenida Marechal Floriano Peixoto, próximo ao Canal 2), Paulo Roberto Garcia de Gouvea, conhecido popularmente como Paulinho, de 54 anos, conta que as pessoas que costumam ir às bancas não vão mais para comprar jornais. “A comunicação realmente acabou na banca de jornal, perdeu o interesse. Porque quando eu comecei com a banca a gente corria atrás da notícia, não existia nem internet, agora com a internet, você tem a notícia na palma da mão diversas vezes por dia, é cansativo até. Então o jornal ficou obsoleto com as notícias e a gente teve que se reinventar, já que o jornal agora serve

para higiene dos pets”, explica Paulinho.

Além disso, ele conta que as bancas de jornal concorrem com as assinaturas tanto digitais quanto dos jornais físicos, já que eles têm um preço melhor, fidelizam os leitores e também trazem as notícias de forma mais rápida. Para se adaptar, Paulinho explica que tem apostado em outros tipos de produtos na sua banca, já que o público-alvo dela é o infanto-juvenil. “Agora temos brinquedos, e tudo que pode atrair os clientes. A minha banca é diferenciada, já que tem HQs, mangás, que despertam um interesse de leitura, começando com Mauricio de Sousa, Disney, além de palavras cruzadas. Hoje em dia tem várias coisas muito interessantes nas bancas de jornais. A informação (das notícias de jornais impressos) deixou de existir, agora você consome ela por outros meios (sem ser nas bancas)”.

A sua banca tem mais de 33 anos e na década de 1990, por exemplo, ele abria às cinco horas da manhã e já tinha gente procurando jornal. “Eu montava os jornais já que eles vinham encartados, em quatro cadernos que encaixavam neles. Cheguei por diversas vezes vender 500

Paulinho já tem a banca há 33 anos e teve que se reinventar com a queda de vendas de jornais

jornais por domingo, depois foi caindo muito, hoje você tenta vender cinco e é difícil”. Para Paulinho, o público fiel é o infanto-juvenil, que compra as histórias em quadrinhos, jogos, mangás e figurinhas. Além disso, ele promove encontros de troca de figurinhas todos os domingos, o que segundo o jornalista (que trabalha em banca) já virou uma marca registrada.

Como sempre gostou de ler HQs do Mauricio de Sousa, Disney e de heróis desde criança, Paulinho já tinha uma certa afinidade com as bancas. Só que antes de comprar o espaço onde atualmente fica a “Monolito”, ele ia sair do Brasil e no fim acabou desistindo. “Minha mãe falou para eu procurar o que fazer (arrumar um trabalho) e quando eu fui arrumar um emprego, fui trabalhar numa banca de jornal, ali na praça onde comprava meus gibis, daí eu comecei a organizar os gibis do jeito que eu gostava de ler, em Marvel, DC, Mauricio de Sousa. Muitos amigos meus que diziam que não liam gibi naquela época e que eram mais tímidos, começaram a ler e, o hábito de ler HQs entre nós foi se expandindo”. Antes de dar o “boom”, Paulinho saiu da banca que trabalhava e quando chegou ao ápice, percebendo que já podia “correr sozinho”, ele comprou essa banca que fica na Avenida Floriano Peixoto no Gonzaga. 📖

COMPORTAMENTO

Fumaça de cigarros

Volta a invadir ambientes fechados com a moda dos 'vapes'



Fotos: Caroline Mello

CAROLINE MELO

A fumaça feita pelo fumo do tabaco volta a invadir ambientes fechados no Brasil menos de 10 anos após a regulamentação da lei que proíbe esta prática. Dessa vez, o causador desta moda é o cigarro eletrônico, também chamado de “vape” ou “pod”.

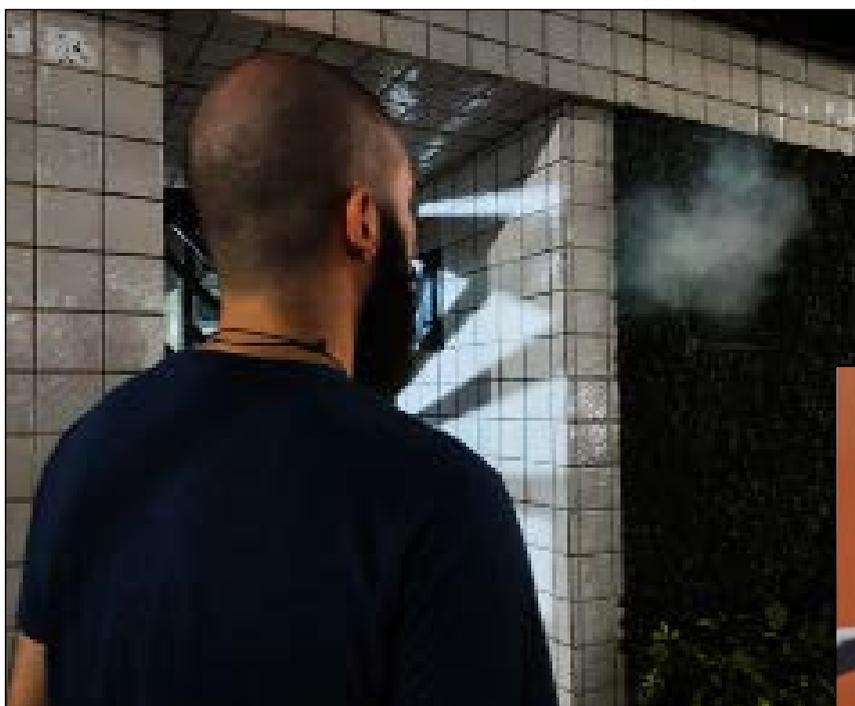
“As pessoas que fumam não têm essa noção de que a fumaça do ‘pod’ é tão incômoda quanto a do cigarro”, desabafa Julia Rodrigues, de 20 anos. Estudante universitária, ela afirma que já presenciou diversas vezes alunos fumando cigarros eletrônicos em refeitórios e na cantina da universidade em que estuda, em Santos.

Com essa onda, veio o retorno da “moda do cigarro”, onde fumar se torna legal entre os jovens. No entanto, os limites acabam sendo ultrapassados quando utilizados em ambientes fechados. Desde 3 de dezembro de 2014 é proibido fumar cigarros, charutos, cachimbos, narguilés e outros produtos derivados do tabaco em locais de uso coletivo, públicos ou privados de todo o país. Porém, não é raro encontrar pessoas fumando em locais como shoppings, universidades e baladas.

Casos como esses se tornaram comuns ao longo da última década, meio tempo em que o “vape” se tornou popular no Brasil. Mesmo tendo sido criado em 2003, os cigarros eletrônicos passaram a ser comercializados em massa ao longo dos últimos anos no país.

De acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), a principal diferença entre o cigarro tradicional e os eletrônicos é que o primeiro gera fumaça a partir da queima do tabaco. Enquanto isso, os “pods” têm bateria, mecanismos onde são colocados líquidos concentrados em nicotina, aromatizantes, entre outros compostos, que acabam produzindo vapor ou aerossol.

Julia ressalta que, para ela, o que diferencia o cigarro comum do eletrônico é que a fumaça do ‘vape’ possui aromatizantes e, por isso, acaba se tornando mais



Antes mesmo de se popularizar, os cigarros eletrônicos já haviam sido proibidos no Brasil



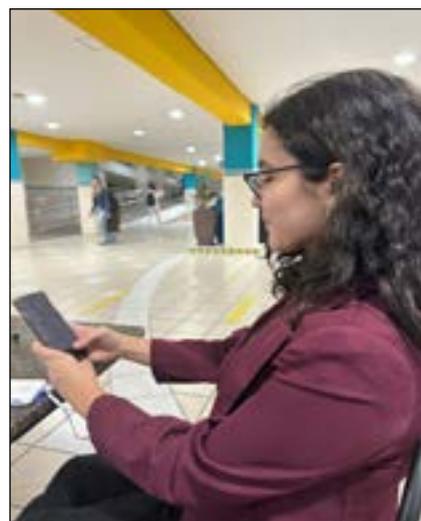
tolerável.

Apesar disso, os efeitos da fumaça em Julia ainda são desagradáveis. “Dá uma dificuldade de respirar, o cheiro gruda no cabelo e na roupa. Sabemos que acabamos nos tornando fumantes passivos e isso me incomoda demais”.

Apesar de parecerem inofensivos, os “pods” possuem compostos orgânicos como nicotina e metais pesados. Os vaporizadores ainda podem causar: doenças respiratórias, como o enfisema pulmonar e doenças cardiovasculares, dermatite e câncer.

Antes mesmo de se popularizar, os cigarros eletrônicos já haviam sido proibidos no Brasil, com a Resolução nº 46, de 28 de agosto de 2009, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Isso não impediu, no entanto, de que sua venda e seu consumo fossem feitos em massa no país.

“Teve uma vez que estava em um bar no aniversário de uma amiga e era bem naquela época que eu ‘pod’ começou [por



Júlia Rodrigues é estudante e reclama de fumantes de cigarro eletrônico

aqui] e tinham duas meninas fumando um de sabor melancia. Ficava aquela névoa na mesa e o cheiro impregnado”, lembra Julia.

Segundo ela, na época já haviam saído diversos estudos que indicavam o quão prejudicial os cigarros eletrônicos poderiam ser, mesmo assim, a jovem não teve coragem para reclamar da situação. “No final, a gente sai como chata, até porque muitos jovens fumam isso. Então eu só aturei a fumaça e fui para casa”, finaliza. 

Fotos: Lucas Rodrigues



SANTOS UMA CIDADE ACESSÍVEL?

LUCAS RODRIGUES

O significado da palavra acessibilidade, quer dizer algo atingível, que tem acesso fácil. Mas a realidade para os mais 17,3 milhões PCD (Pessoas com deficiência), talvez essa palavra não tenha o mesmo significado, já que o Brasil não oferece estrutura adequada com toda a segurança e as devidas condições para que essas pessoas circulem por lugares públicos e privados com total autonomia.

Em 2015 foi criado o estatuto da pessoa com deficiência que tem o propósito de promover condições de igualdade, exercício dos direitos e das liberdades fundamentais com isso gerando a inclusão social dessas pessoas.

Na cidade de Santos há 32.527 pessoas com algum tipo de deficiência e acordo com os dados do último censo da Secretaria da Pessoa com Deficiência, do Governo do Estado de São Paulo. O Município conta com os programas de acessibilidade como Santos Acessível que visa melhorar as condições de pessoas com deficiências e também estimular empresas da região a se adaptar as necessidades desse público.

Mesmo com essa iniciativa as pessoas encontram barreiras pelas cidades, o assistente de documentação João Matheus Medeiros de 26 anos conta que “Tem Algumas calçadas que realmente são ruins, falta muitas guias rebaixadas para poder atravessar a rua, espero que a prefeitura melhore alguns pontos necessários”, João destaca que as avenidas da oferecem condições boas para se transitar. 

*Cruzamento da
Rua Itapura de
Miranda com a Rua
Mato Grosso bairro
Boqueirão, em Santos*



CIDADES

Fotos: Karen Rodrigues



Falta de sinalização em cruzamentos **COLOCA CRIANÇAS EM PERIGO**

Crianças se arriscam para atravessar Rua João Roberto Correia, sem faixa de pedestre

KAREN CUNHA

O ausência de placas, semáforos e faixas de pedestres bem demarcadas é observada em todo o bairro da Vila Sônia, em Praia Grande. No entanto, o que tem causado uma maior preocupação entre pais, educadores e membros da comunidade, é a falta de sinalização nos cruzamentos próximos a escolas. O que aumenta os riscos de acidentes e coloca em perigo a vida de toda a população e principalmente a de crianças e adolescentes que frequentam essas instituições de ensino, uma vez que elas não têm plena consciência dos riscos envolvidos no trânsito e podem agir impulsivamente.

Segundo relatos de pais e professores, a necessidade de sinalização adequada dificulta a travessia segura dos alunos nas vias próximas às escolas, especialmente nos horários de entrada e saída, quando pais e responsáveis se reúnem nas imediações para buscar ou deixar os alunos e o fluxo de veículos é mais intenso. A inexistência de faixas de pedestres, de semáforos e uma simples sinalização com placas de “pare”, compromete a visibilidade dos condutores e coloca em risco a integridade física dos estudantes.

Em entrevista Viviane Freitas dos



Santos, 49 anos, mãe de uma aluna de apenas 12 anos, da Escola Municipal Idalina da Conceição Pereira, expressou sua preocupação: “Infelizmente, não posso levar minha filha até o portão da escola pois trabalho em tempo integral, então só de pensar que ela tem que atravessar uma rua movimentada, sem sequer uma faixa de pedestre, todos os dias sozinha, me traz uma insegurança. É assustador pensar que um acidente pode acontecer a

qualquer momento.”

Além disso, a falta de sinalização adequada nos cruzamentos também contribui para a ocorrência de comportamentos de risco por parte dos motoristas, que muitas vezes não respeitam a prioridade dos pedestres e não reduzem a velocidade nas áreas escolares. Essa situação reforça a necessidade urgente de medidas efetivas para garantir a segurança no trânsito em torno das instituições de ensino. 

ISABELLY OLIVEIRA

O bom e tradicional pastel de feira está mais caro. E algumas razões explicam o efeito, entre elas o aumento dos alimentos que afetam diretamente os donos de barracas. Como o ovo que é usado em pasteis mais recheados, por exemplo.

A vendedora de marmitas, Marta Santos Oliveira, de 45 anos, disse que frequenta a mesma barraca de pastéis há mais de 20 anos em Cubatão e que nunca viu uma mudança de preço tão alta em pouco tempo. “Vim aqui não tem muito tempo, o pastel especial custava entre R\$ 13,00 e R\$ 14,00, agora está R\$ 16,00”, afirma.

A comerciante explica que sabe que os preços dos alimentos estão cada vez mais altos, pois segundo ela, diariamente está no mercado fazendo compras para repor seu estoque, mas que o aumento deve ser gradual e não de repente assustando os consumidores.

“Quando vou aumentar os valores das minhas marmitas aumento R\$ 1,00 uma vez por ano. Eu amo os pastéis dessa barraca e geralmente venho com o dinheiro contado do pastel e do caldo de cana, mas dessa vez faltou”, conta.

Semanalmente às pessoas vão a feira fazer compras e não resistem comer um pastel. Em casas que moram uma quantidade grande de pessoas, o pastel pode não ser tão acessível como antes. Segundo Marta, em sua casa moram quatro pessoas e que se cada um comer dois pastéis o “passeio” sai por mais de R\$ 50,00, sem contar com as bebidas.

A barraca que Marta frequenta por anos se chama “Da Feira” é uma das mais conceituadas da cidade, estão no ramo desde 1977 todas as quintas e sábados nos bairros da Vila Nova e Centro em Cubatão.

O comércio é tão famoso na cidade que possui cartão fidelidade, assim que o cliente preencher todos os espaços da cartela, ganha um pastel e um refrigerante grátis do sabor que preferir. Uma estratégia diferente para fidelizar o cliente.

Sobre o aumento dos preços o dono da barraca, o Sr. Tamashiro diz que o reajuste foi realizado dia primeiro de abril deste ano e afirma que o novo valor de R\$ 2,00 nos pastéis especiais foi necessário. Além do pastel com mais recheio, os pasteis simples também subiram de R\$ 9,00 para R\$ 10,00.

ECONOMIA

Pastel de feira em Cubatão está mais caro e sofre REAJUSTE REPENTINO

Fotos: Isabelly Oliveira



Acima, os preços da barraca Kanashiro. À esquerda, a cliente Marta Santos consumindo na pastelaria

consequentemente sabe quem são seus clientes fieis que toda semana consomem na barraca.

O pasteleiro diz que o movimento continua agitado, mas deu uma reduzida em quantidade da saída de pasteis. “Algumas famílias vinham e comiam dois pasteis cada, agora é somente um. Outras estavam aqui semanalmente e agora frequentam uma vez por mês e olhe lá”, conta.

Essa semana o governo anunciou a redução de preços do gás de cozinha e combustível. Assim como os demais brasileiros, Tamashiro comemorou a diminuição.

“Com essa redução, não preciso aumentar os preços duas vezes no ano e consequentemente o dinheiro vai sobrar no bolso das pessoas e elas voltarão a consumir o pastel como antes”, encerra.

“Os ingredientes estão cada vez mais caros, o preço da cartela de ovos dobrou, o óleo, a massa de pastel também subiu nos mercados, tive que fazer esse reajuste, pois além dos alimentos tenho que pagar os meus funcionários”, conta.

Atuando há mais de 47 anos na cidade o comerciante fez muitas amizades e

THIAGO SILVA

Fotos: Thiago Silva

Viver sempre atento e com medo de ser assaltado. Essa é a vida de dois estudantes que passam pela região do Gonzaga, em Santos, praticamente todos os dias da semana.

Entre os dois, o jovem Luís Gustavo, de 16 anos, é o mais azarado. Ele foi assaltado na Ana Costa, próximo a região do Banco do Brasil, por volta das 16 horas de mais um dia normal durante a semana.

“Eram três homens. Eles começaram me pedindo esmola e eu disse que não tinha. Andei uma quadra e eles apareceram novamente e me cercaram. Vieram pedindo meu celular, colocaram a mão no meu bolso e também levaram R\$ 10,00 que estava comigo”, comentou o jovem.

Assustado, ele diz que não esperava ser assaltado naquele ponto. “Estava na avenida mais movimentada da cidade, em uma região tranquila, mas isso não impediu a ação deles. Sempre passo por ali, pois é caminho para a escola, mas nunca tinha sido assaltado”.

Ao chegar em casa, Luís Gustavo contou aos pais o que havia acontecido e realizou um Boletim de Ocorrência. Ele não conseguiu recuperar nada do que foi roubado.

Já para o estudante Lucca Toscanelli Moreira, de 16 anos, a situação foi menos traumatizante, mas ele garante que nunca irá esquecer.

“Era um dia de semana qualquer, e eu estava voltando para casa depois da escola, acompanhado do meu amigo, por volta de 12h50, pelo canal 3, quando três homens sem camisa começaram a seguir a gente. De repente eles começaram a se aproximar mais e eu precisei pedalar mais rápido para fugir”, explicou.

Segundo o estudante, os ladrões deram um chute na perna do amigo, que quase caiu, e depois tentaram puxar a mochila dele.

Por sorte eu consegui desviar antes que um deles chegasse perto de mim para causar qualquer dano. Meu amigo xingou eles, o que na minha opinião não foi muito inteligente, pois eles poderiam ter reagido e vindo atrás da gente, mas felizmente isso não aconteceu.”

Já em casa, o jovem conta que relatou o ocorrido para os pais, que o advertiram e pediram para que tomasse mais cuidado quando estivesse na ciclovia, pois atualmente a cidade vem contando com assaltos em todo canto.

“Eu passo todo dia por aqui, pois é o caminho que faço para ir e voltar da escola até minha casa, e me sinto seguro na maioria das vezes. Foi a primeira vez que algo assim aconteceu comigo e, depois disso, eu mudei a minha visão sobre o local e passei a tomar mais cuidado”. 



Bairro do Gonzaga registra assaltos com frequência

Gonzaga: FREQUENTADORES RELATAM ASSALTOS



Lucca Toscanelli quase foi assaltado quando andava de bicicleta

“VLT, OBRAS SEM FIM”

Comerciante fala sobre problemas gerados pelas obras na cidade

RAFAEL ALBINO

RAFAEL ALBINO

Em setembro de 2020, deu-se início às obras do trecho 2 do VLT na cidade de Santos. A nova via tem o objetivo de juntar a linha que já está em funcionamento ao centro da cidade. O caminho planejado para isso acontecer é da Rua Campos Mello até a Rua João Pessoa. Com isso, comércios localizados na região foram atrapalhados pelas obras e posteriormente pelo adiamento delas.

O projeto deveria ter sido entregue em março deste ano. Porém, em dezembro de 2022, a prefeitura, junto a EMTU, já estava revisando o cronograma, pois, segundo o jornal A Tribuna, a obra estava apenas 32% concluída. O novo prazo foi estipulado em março, com previsão de entrega em julho deste ano.

O proprietário da “SóLojas”, comércio localizado na rua Campos Mello 359, Carlos Câmara, destacou que a obra não atrapalha apenas quem trabalha na região, os moradores também têm dificuldades com barulho, sujeira e locomoção até suas casas.

O prejuízo principal é o financeiro, o comerciante revelou que teve que demitir 3 funcionários devido a falta de renda e que outras lojas estabelecidas no local, se mudaram para conseguir manter o negócio. “Desde que começou até hoje continua a mesma coisa, o movimento caiu cerca de 80%”, afirmou Câmara.

O principal motivo da queda de movimento é a acessibilidade. Não é mais possível estacionar o carro em frente às lojas e achar vaga na região é complicado. O problema também se deve a falta de novos clientes, Câmara disse que quem não conhecia o lugar não conseguia chegar por conta das reformas. O barulho e a sujeira também são impeditivos mencionados pelo lojista.

Segundo o dono da loja de instalações, o planejamento da obra também foi mal feito e não tem sentido. “O projeto dessa via de transporte era para ligar um município ao outro, trazer munícipes de outras cidades para um ponto e distribuí-los pelas vias de ônibus. Isso sim seria perfeito. Agora, morando em Santos, qual a necessidade de pegar um VLT para ir até



O comerciante Carlos Câmara aponta para placa em protesto à demora

o centro, quem vai fazer isso? Não tem sentido.”

Os proprietários da região se juntaram e fizeram uma associação para conseguir reuniões com a prefeitura e medidas que ajudem os estabelecimentos. Porém, os gestores públicos raramente conversam com eles. “Eles dão

a mínima, só se preocupam quando a promotora dá uma cutucada neles. Até vereadores falavam que vinham e não apareciam”, disse Câmara.

A prefeitura divulgou, neste mês de maio, que comércios e estabelecimentos empresariais afetados pelas obras da segunda fase do Veículo Leve sobre Trilhos terão direito a isenção e remissão tributárias. Medida que pouco fez diferença para os lojistas, que alegam que a medida é uma forma de “calar a boca” daqueles que estão protestando. 

